

# NA RUA, ENTRE *HASHTAGS*: O ACONTECER MIDIÁTICO E SIMBÓLICO DE JUNHO DE 2013

GUSTAVO SOUZA SANTOS<sup>1</sup>

## RESUMO

Junho de 2013 ficou marcado no noticiário, no imaginário e na história brasileira como um evento-fenômeno político e socioespacial. Todavia, além da política e do espaço, outros acontecimentos adensaram a conjuntura das manifestações. Narrativas, disputas, práticas e processos de comunicação desvelam o movimento como um fenômeno midiático e simbólico, na medida em que se configuraram como dispositivos de constituição e reprodução insurgente, mas também de mediação de processos intra e intersubjetivos orientados à ação social e política. Este trabalho reflete as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil como um acontecimento midiático e simbólico, tendo por aporte as narrativas dos jornais impressos de maior circulação no período e publicações da rede social Twitter. Observou-se que ao mesmo tempo em que os atos se constituíram uma arena independente de reivindicações tácitas, ainda que múltiplas, simultaneamente tomou as feições de um dispositivo interacional capaz de interpelar o *modus operandi* de compreensão da política em uma perspectiva institucional e pessoal, a partir da emergência de seus sujeitos mobilizados.

**Palavras-chave:** Insurgência. Rede. Mídia. Jornadas de Junho.

## Introdução

O conjunto de manifestações que eclodiram sobre a metrópole paulistana, e por contágio mobilizador tomou o território nacional, começou localizado em espaço, conjuntura e agenda. O Movimento Passe Livre (MPL) - instituição cuja bandeira serviu de diapasão involuntário para a formação dos atos que viriam a caracterizar as Jornadas de Junho - participou do estopim do corpo dos atos, subsidiando os flancos e franjas dos protestos que, posteriormente, aglutinaram forças sociopolíticas diversificadas.

As reivindicações do MPL têm por núcleo a gratuidade do transporte coletivo público e tratativas sobre mobilidade urbana. A cidade, sua produção e crescimento, sobretudo nos significados socioeconômicos e simbólicos do transporte - nos sentidos do ir e do vir - são gestadas como metas centrais do movimento. Na compreensão do grupo, está a tomada da cidade, marcada por conflito, segregação e exclusão, como um projeto de construção coletiva.

As origens do MPL remontam à organização coletiva estruturada durante o Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em 2005. Todavia, sua formação herda a conjuntura metabolizada de duas outras frentes. A primeira delas é a Revolta do Buzu, em Salvador (2003), e a segunda é a Revolta da Catraca, em Florianópolis (2004). Ambas as manifestações tinham base estudantil secundarista e protestavam contra o aumento de tarifas e a insalubridade do trans-

<sup>1</sup> Doutor em Desenvolvimento Social (Unimontes). Professor das faculdades de Comunicação Social e de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc). Coordenador do POP - Grupo de Pesquisa em Imagem, Comunicação e Cultura. E-mail: gustavo.ccpv@gmail.com.

porte coletivo<sup>2</sup>. A segunda frente deriva do Centro de Mídia Independente (CMI)<sup>3</sup> que propõe uma visibilidade midiática contra-hegemônica.

A insurgência urbana marca a gênese do movimento, sua fundamentação e corporificação político-prática. Sua estrutura é autodefinida a partir de características organizacionais como horizontalidade, apartidarismo, autonomia e independência. Sob a reivindicação da mobilidade urbana, se ajuntam dinâmicas simbólicas sobre a vida e a produção da cidade, perpassando discussões sobre segregação, exclusão e acesso:

O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Não somos filiados a nenhum partido ou instituição. O MPL é um movimento social independente e horizontal, o que significa que não temos presidentes, dirigentes, chefes ou secretários, todos têm a mesma voz e poder de decisão dentro dos nossos espaços. Nós acreditamos que não devemos esperar por iniciativas e ações de políticos e empresários, e que somente a organização e a iniciativa popular pode conquistar mudanças realmente significativas na sociedade. É o povo, somente ele, que tem o poder e a vontade necessária para mudar as coisas e construir um transporte, uma cidade e mesmo um mundo diferente. Isso ficou claro nas *Revoltas da Catraca* de 2004 e 2005, quando a população de Florianópolis ocupou as ruas desta cidade por semanas, até que o aumento absurdo das tarifas fosse cancelado. Pensamos na mudança da sociedade através da mudança na lógica da mobilidade urbana. É por isso que não queremos que os ônibus tenham catracas, que impedem tanta gente de ir e vir em todas as grandes cidades do Brasil. Mas sabemos que só isso não basta. Além da exclusão pelo transporte, há desigualdades entre brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. Temos um mundo inteiro para reconstruir! A catraca que o MPL repudia é também simbólica. Existem catracas invisíveis por todas as partes, impedindo o acesso pleno aos espaços e serviços. Precisamos juntos destruir todas elas. Pela luta queremos construir um mundo em que não haja nenhuma catraca! (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2020, grifo do autor).

A mobilização evocada pelo MPL é depositária da conjuntura dos novíssimos movimentos sociais, inscritos em formações menos afeitas à tradição, vista como aprisionante, e mais comprometida com formatos fluidos, dinâmicos e distribuídos sob uma coletividade que vê no ativismo um projeto cultural que permeia o estilo de vida urbano. Embora sua pauta esteja inscrita em lutas clássicas com contornos de problemáticas contemporâneas do crescimento das cidades e do planejamento urbano, há uma performance insurgente particular.

Esse desenho do MPL como o de coletivos, grupos e comunidades mobilizadas comprometidas com práticas, táticas e estratégias se renovam por meio de novas flexões, mas também por estéticas particulares. Isto é, a composição das manifestações se impõe como uma manifestação-espetáculo para que os sentidos práticos das reivindicações partilhem teias de significados capazes de penetrar as tramas simbólicas da governança e da imprensa.

Nesse trânsito simbólico, a multiplicidade de traquejos como “não é por R\$ 0, 20, é por direitos” estampado em cartazes e nas palavras de ordem proferidas por manifestantes em multiescalas, o usufruto musical das fanfarras como quase um ator do processo, ou as colocações neutras das camisetas (pretas ou brancas com ícones de catracas) como reforço da

2 Histórico atestado na Carta de Princípios do MP. Disponível em: <https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

3 Para compreender a proposta do CMI, consultar: <https://midiaindependente.org/?q=sobre-cmi>. Acesso em: 17 jun. 2020.

horizontalidade, tornam-se táticas e estratégias que envergam as pautas na medida em que se configuram como atos confessionais de sua essência sociopolítica.

Essa particularidade performativa se adere a um outro fator que contribuiu para a visibilidade apoteótica dos atos: o perfil de seus membros. O perfilamento dos integrantes remonta a um grande número de estudantes do Ensino Superior, originários de universidades públicas - o que justifica a pauta educacional cara ao movimento.

Como Gohn (2018) relatou, segundo poucos dados empíricos de institutos de pesquisa e pesquisadores independentes, a faixa de idade dos participantes variava de 16 a 29 anos. Embora dados da época remontassem a participantes oriundos de camadas médias da população, o MPL se complexifica por sua frente popular com inserção e composição advinda da periferia.

Esse arranjo de agentes fermentou a visão de manifestações renovadas, visto que a ação jovem e estudantil emprestava força e certa visão de futuro a pautas que são importantes à opinião pública, mas que, no conteúdo utópico dos atos e na disposição ao confronto, lograram prestígio e captaram adeptos.

O objetivo deste estudo foi analisar a conjuntura das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil a partir das mediações estabelecidas em seu intercurso, isto é, tomando-a como um acontecimento simbólico e midiático, para além de um acontecimento político e socioespacial.

Metodologicamente, para o aporte dos dados, trafegou-se por duas fontes: a narrativa apurada pela fonte noticiosa e a narrativa em tempo real das redes sociais *on-line*. Sob a oferta de ambas as fontes, a pesquisa pôde remontar o edifício de mediações que compuseram as manifestações em caso.

Para selecionar as fontes noticiosas, optou-se pela mídia jornal impresso, devido à sua cobertura pontual e progressiva na medida em que os fatos se desdobram. Recorreu-se ao Instituto Verificador da Comunicação (IVC)<sup>4</sup> para obter os periódicos de maior circulação<sup>5</sup> no período dos atos, obtendo-se Folha de S. Paulo, Estadão e O Globo.

Para a narrativa das redes sociais *on-line*, optou-se pelo Twitter, dada sua característica intempestiva de cobertura e discussão de assuntos em tempo real por uma condição de *micro-blogging*, isto é, um registro escrito - e hipermidiático - pulverizado, sistêmico e crescente de conversação. As publicações analisadas foram selecionadas por sua busca avançada no período dos atos e sob as *hashtags* #ogiganteacordou, #vemprarua e #protestosbr<sup>6</sup>.

## O acontecer simbólico e midiático de junho de 2013: da narrativa à contranarrativa dos atos

O texto jornalístico documentou com adjetivos de grandeza os atos. Com referência à memória nacional, os textos comparavam os protestos com uma força multitudinária às Diretas Já ou aos caras-pintadas pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor. A seleção de

4 O IVC é um órgão auditor de tiragem, circulação e outras métricas de veículos jornalísticos, sendo filiado à Associação Nacional de Jornais (ANJ).

5 A circulação é um critério que designa não apenas a tiragem do jornal, mas sua distribuição e acesso a múltiplos leitores assinantes, compradores avulsos ou receptores diversos. Isso indica a força de cobertura e pujança de recepção de sua informação por grupos maiores de indivíduos.

6 *Hashtags* de maior adesão no período dos protestos.

palavras tomava a escala geográfica como campo semântico, numa tentativa de cercamento compreensivo dos acontecimentos que desafiavam a apuração por sua evolução vertiginosa, como podemos ver nas manchetes que selecionamos abaixo.

O Brasil nas ruas (O GLOBO, 18 jun. 2013, p. 1).

Milhares vão às ruas contra tudo; grupos atingem palácios (FOLHA DE S. PAULO, 18 jun. 2013, p. A1).

Protesto se espalha pelo país (O ESTADO DE SÃO PAULO, 18 jun. 2013, p. 1).

Onda de protestos atinge 12 capitais na maior manifestação do país desde o "Fora Collor" (FOLHA DE S. PAULO, 18 jun. 2013, p. C1).

Reação em cadeia (O GLOBO, 18 jun. 2013, p. 3).

Mais de 1 milhão vai às ruas no país (O ESTADO DE S. PAULO, 21 jun. 2013, p. 1).

As analogias eram biológicas, físico-químicas e virais: "espalha", "atinge", "reação em cadeia" e "onda". Ou pelo apelo ao número como marcador de potência: "milhares", "1 milhão" e "12 capitais". E ainda com qualificações superlativas: "maior manifestação do país" e "O Brasil nas ruas". O léxico revela uma aproximação em relação à tessitura dos fatos, posicionando os atos como um acontecer simbólico. Todavia, implicitamente, a seleção de adjetivos revela a dificuldade de apreender o que acontecia nas ruas em seu trânsito.

As descrições dos atos pelos noticiários remontam, inicialmente, a uma tentativa de cercamento do fenômeno em plena ocorrência, dados os desafios de estabelecimento de conexões lógicas com as tramas políticas, sociais e econômicas em evidência nas manchetes. O domínio de adjetivos e o esforço descritivo demonstram uma corrida pela explicação, pela interpretação e pelo núcleo referencial de onde vieram e para onde iriam os atos.

Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em 12 capitais do país para protestar contra o aumento da tarifa de transporte, corrupção, gastos com a Copa do Mundo e melhoria de serviços públicos, como saúde, educação e segurança, entre outras demandas (FOLHA DE S. PAULO, 18 jun. 2013, p. A1).

As duas semanas que mudariam a história da política brasileira começaram de forma prosaica, com mais um protesto desinteressante, fadado a ser uma notícia de jornal. Os outros seis atos se sucederam cheios de novidades: jovens dispostos a resistir à PM, arregimentados pelas redes sociais, lidando com o tradicional despreparo das autoridades (O ESTADO DE SÃO PAULO, 23 jun. 2013, p. 14).

A simbologia dos atos, proporcionada por empuxos causais aparentemente espontâneos e fruto de uma solidariedade insurgente delineada pelos reflexos dos protestos localizados iniciais, fez com que o esforço em narrar as manifestações se tornasse um acontecimento midiático. A nomenclatura de origem desconhecida de "Jornadas de Junho" conferiu um aspecto *pop* ao referenciamento do acontecimento que se desdobrava em múltiplas cadeias de análise. "Mas a epidemia só ganhou força depois do dia 17, ao monopolizar o noticiário das grandes redes de televisão." (O ESTADO DE SÃO PAULO, 30 jun. 2013, p. 8).

A representação midiática convencional de movimentos sociais, protestos e mobilizações populares parte do olhar de desconfiança, com enfoque sobre violência, depredação, perturbação da ordem e criminalização (MAIOR, 2013). Na configuração das Jornadas de Junho como um acontecimento midiático é possível identificar três fases: a descrição multitudinária, o enfoque sobre a violência e a disputa de narrativa entre reconhecimento e aturdimiento.

A primeira fase procura descrever os atos exaustivamente na tentativa de cercá-los de interpretações sociopolíticas, caracterizando-se pela variedade de ocorrências, participantes e pela escala que se politiza vertiginosamente. O volume escalar interpela os espaços midiáticos, deslocando forças de cobertura para apreensão do fato. O desenrolar dos primeiros dias desencadeia a próxima fase, pautada na narrativa de violência, ressaltando a depredação, a ocupação volumosa dos espaços públicos e a interrupção de fluxos urbanos.

A leitura da ocupação das ruas é intensificada pela interpretação parcial das práticas insurgentes. A narrativa de violência e desordem qualificou a cobertura, dando ênfase a seu teor a partir de descrições explicativas iniciais:

Depredação livre. A redução no preço da tarifa não pode encobrir o fato de que o centro de São Paulo virou terra sem lei na noite de anteontem, tomada por vândalos travestidos de manifestantes, e abandonada pela polícia. (FOLHA DE S. PAULO, 20 jun. 2013, p. A2,).

Violência se espalha pelo país. Mesmo após a redução em série da tarifa de ônibus, principal reivindicação dos protestos que tomaram conta do país, novos atos levaram 1 milhão de pessoas às ruas e resultaram numa onda de violência e vandalismo em 13 capitais. Ocorreram ataques ou tentativas de invasão às sedes dos Três Poderes. (FOLHA DE S. PAULO, 21 jun. 2013, p. C1).

Sem controle. Em noite de novos conflitos, depredações e saques, Itamaraty e Prefeitura do Rio são atacados. Partidos políticos tentam entrar em manifestação e são expulsos. Depois de terem conseguido os primeiros resultados concretos, com a redução das tarifas de ônibus em várias capitais, os protestos que tomaram conta das ruas do país, tiveram ontem seu dia mais violento, marcado por confrontos em pelo menos dez cidades. Em Brasília, manifestantes atearam fogo nas janelas do Itamaraty e tentaram invadir o prédio: 39 pessoas saíram feridas. No Rio, a caminhada pacífica, com 300 mil pessoas, foi interrompida pela ação de radicais que tentaram invadir a sede da prefeitura. Houve na sequência, depredação de prédios públicos, pontos de ônibus e sinais de trânsito, saques e focos de incêndio (O GLOBO, 21 jun. 2013, p. 1).

O conjunto de características do ato em desenvolvimento e o rol de referências que povoam o imaginário sobre movimentos populares se combinam no fomento de uma narrativa de sobressalto, qualificação negativa e atração de olhares de desconfiança sobre as multidões. As demandas dos manifestantes, reconhecidas legitimamente *a priori*, são diluídas a partir da escolha de um vocabular de choque. As metáforas de contágio se deslocam da descrição das multidões para o embate.

A construção do texto é estabelecida a partir de termos que caracterizam os atos pelo temor e surpresa negativa. Em “depredação livre”, infere-se que o núcleo da atividade dos manifestantes é o vandalismo, tipificando o exercício do protesto como uma conduta de perturbação da ordem, a partir da destruição de vias e patrimônios. Com “violência se espalha pelo país”, nota-se que a difusão de protestos legítimos é atrelada à difusão de violência, são indissociáveis. E em “sem controle”, subentende-se na narrativa o caráter de inconsequência, inserindo-o no plano negativo.

A narrativa que se segue apresenta a cobertura dos protestos e, naturalmente, narra os embates e os registros de depredação e violência. Contudo, quando os elementos negativos são postos em evidência, observa-se um percurso de redação que categoriza e classifica o acontecimento, insuflando a ideia de temor ou ameaça à ordem. Em meio a vocábulos selecionados, há um revezamento com registros factuais, tornando a construção verossímil, demarcando o evento com um sinal tendencioso a conclusões em sintonia, isto é, de rejeição e recusa.

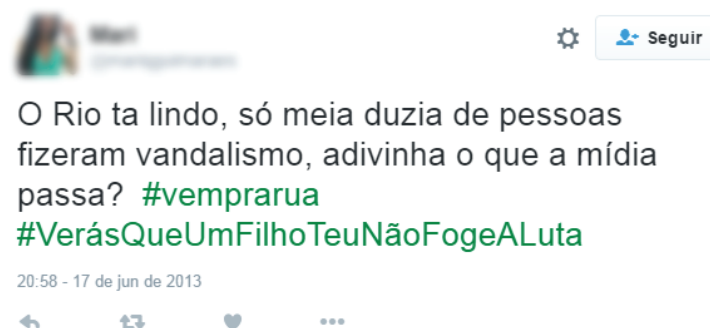
A narrativa oficial não estava associada apenas aos veículos de imprensa, jornais, TVs e portais de notícias. Grupos independentes de mídia e, sobretudo, sujeitos comuns munidos de redes sociais *online* criaram flancos e trincheiras informativas. A comunicação midiática formal viu a sua narrativa competir com a narrativa autocomunicante dos manifestantes, atualizada em tempo real, diretamente das ruas e fora delas também.

Dois processos comunicativos se desencadearam. A narrativa de imprensa cobrindo e tentando explicar os atos e a contranarrativa da comunicação autocentrada dos manifestantes. Disputada a narrativa nos atos, o conteúdo das ruas produzido e difundido nas redes sociais dissipava outras tratativas. Esse processo permitiu que os atos crescessem em indignação, uma vez que a ausência de diálogo do governo se juntou à narrativa conflitante dos veículos tradicionais de mídia.

## Dos noticiários das ruas às *hashtags*

Das ruas, entre *hashtags*, observava-se que os usuários relatam conflitos com a narrativa propagada, indispondo-se com emissoras (FIG. 5, 6 e 8), jornalistas (FIG. 2, 6 e 7) e suas pautas (FIG. 1). O tratamento dado aos protestos é questionado na medida em que a cobertura lhes parece parcial em termos de representação devida. Aos que foram às ruas, o tom da cobertura é inapropriado, criando dissensão. Temáticas controversas como a Copa das Confederações (FIG. 3, 4 e 8)<sup>7</sup> aumentaram o imbróglio que passou a questionar a disparidade de investimento na Copa do Mundo de Futebol do ano subsequente *versus* a realidade social reclamada nos atos.

FIGURA 1 – *Tweets* e disputa de narrativa

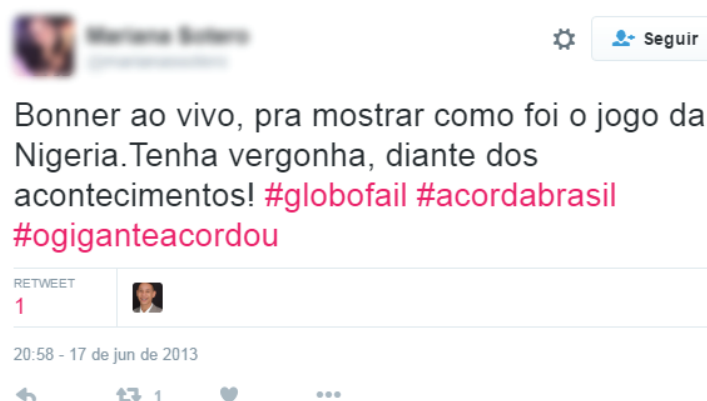


Fonte: Disponível: <https://twitter.com/igostosaum/status/351023608841240576>. Acesso em: 17 fev. 2021.

7 Em 2013, a Copa das Confederações FIFA foi realizada no Brasil de 15 a 30 de junho.

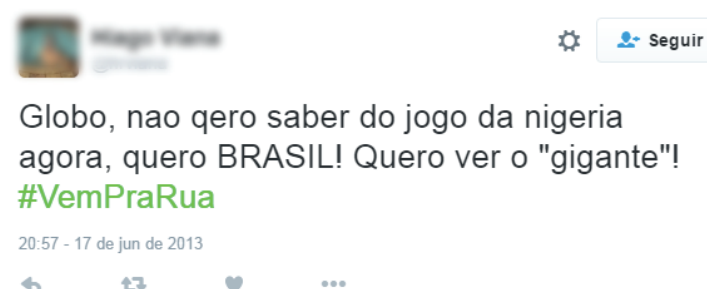


FIGURA 2 – Tweets e disputa de narrativa



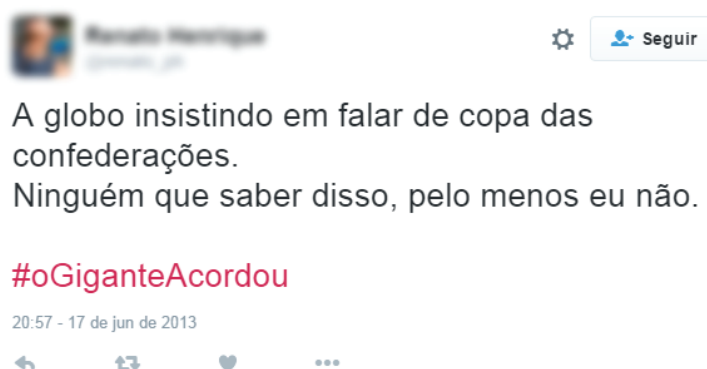
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/pcbmeng/status/351123746251210752>.  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 3 – Tweets e disputa de narrativa



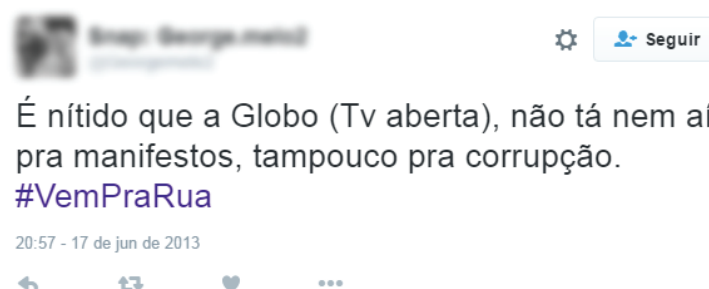
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/TalkToRodrigo/status/346779286029598720>.  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 4 – Tweets e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/clonazepam/status/346779276273676289>.  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 5 – Tweets e disputa de narrativa



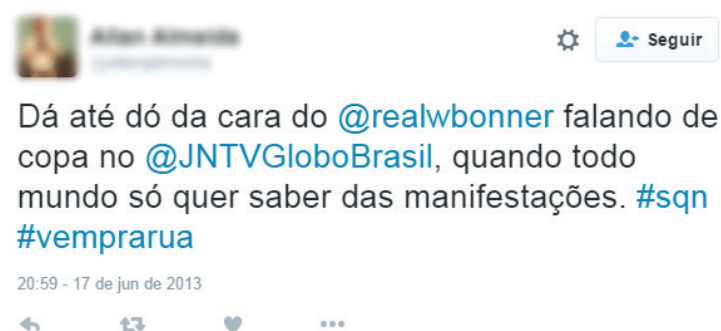
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/dfinkler/status/346779170937913344>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 6 – Tweets e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/dfinkler/status/346779170937913344>. Acesso em: 17 fev. 2021.

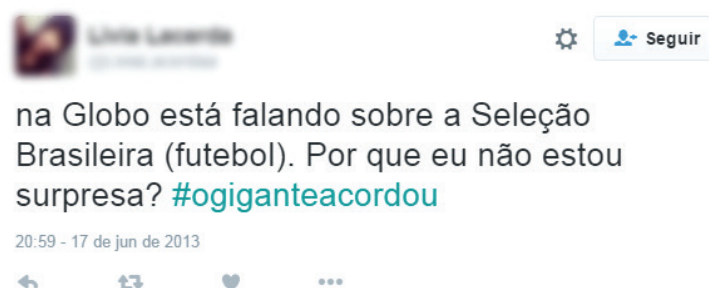
FIGURA 7 – Tweets e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/justDuu/status/346779140818620416>. Acesso em: 17 fev. 2021.



FIGURA 8 – Mídia e manifestações

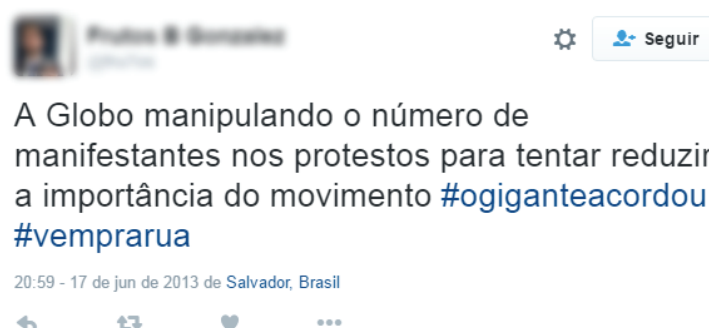


Fonte: Disponível: [https://twitter.com/\\_Cassianecaah/status/346779137287000066](https://twitter.com/_Cassianecaah/status/346779137287000066).  
Acesso em: 17 fev. 2021.

Observa-se que o recorte de temas, a edição da notícia e a abordagem da cobertura são criticadas pelos usuários. Fica estabelecido um campo de confronto, visto que o alcance e a legitimidade do tratamento dos veículos de mídia são massivos, e, sob o olhar do sujeito - participante e/ou usuário das redes sociais - põem em xeque a legitimidade do que se confessava nas ruas. Cria-se uma arena de acirramento de ânimos que levam a dois caminhos: a indignação que acende os atos subsequentes e o fortalecimento da comunicação alternativa e autocentrada.

O questionamento se estabelece de modo mais intenso sobre a associação com a violência e a depredação (FIG. 13, 14, 18, 19 e 20). As escolhas de manejo dos fatos (FIG. 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17 e 21) entram em atrito com a insurgência indignada, já intensificada pela resposta demorada dos governos - e limitada a palavras de ordem. A associação à desordem faz com que sugestivamente uma atmosfera de desmobilização surja, o que é interpretado por manifestantes *on e/ou off-line* como apagamento da legitimidade das demandas e do direito de protestar.

FIGURA 9 – Tweets e disputa de narrativa



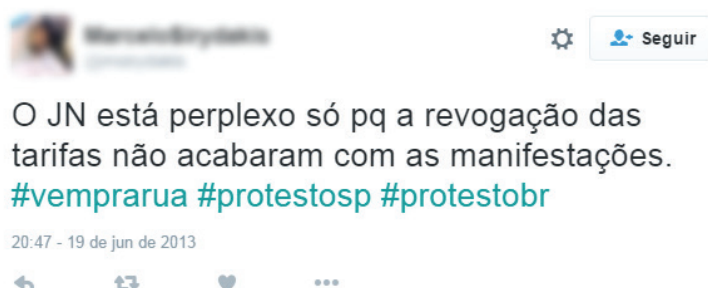
Fonte: Disponível: [https://twitter.com/R\\_Machado/status/346779089891385344](https://twitter.com/R_Machado/status/346779089891385344).  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 10 – Tweets e disputa de narrativa



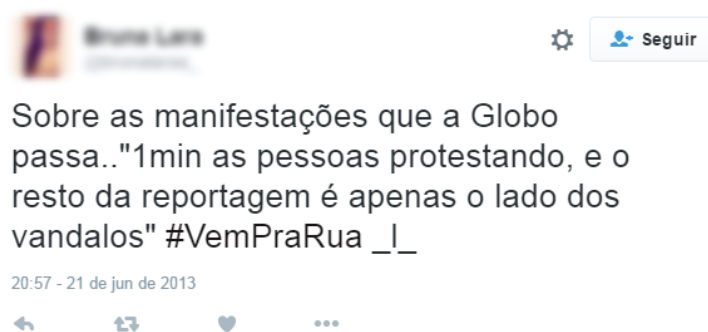
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/oicalichio/status/346779054264963073>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 11 – Tweets e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/leitoraincomum/status/346778991492997121>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 12 – Tweets e disputa de narrativa



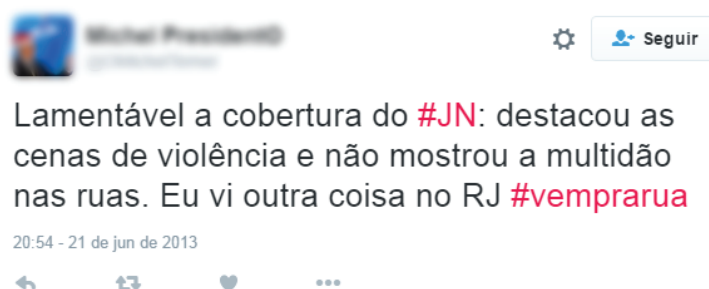
Fonte: Disponível: [https://twitter.com/\\_Gleici/status/346778964422967298](https://twitter.com/_Gleici/status/346778964422967298). Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 13 – *Tweets* e disputa de narrativa



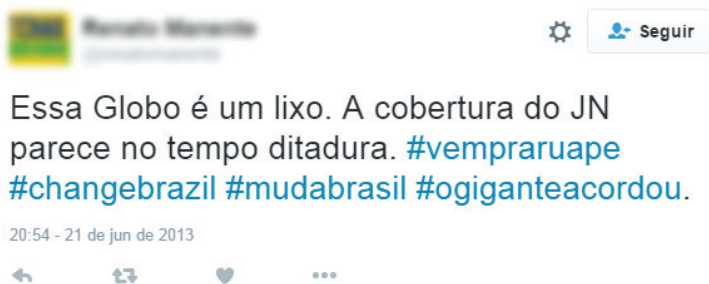
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/nandesventura/status/346778919179010048>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 14 – *Tweets* e disputa de narrativa



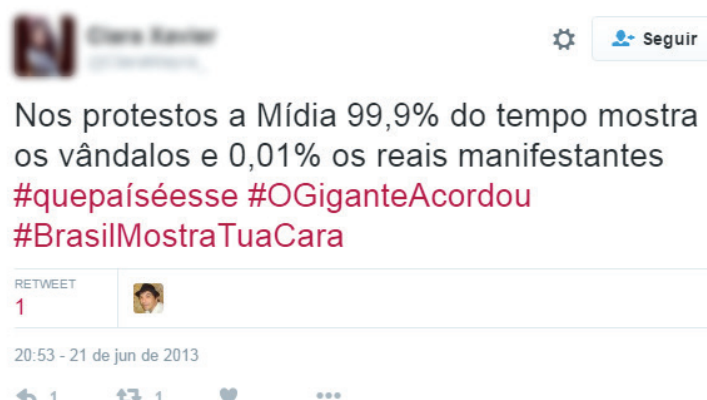
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/PaulinhaBicalho/status/346778911994175489>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 15 – *Tweets* e disputa de narrativa



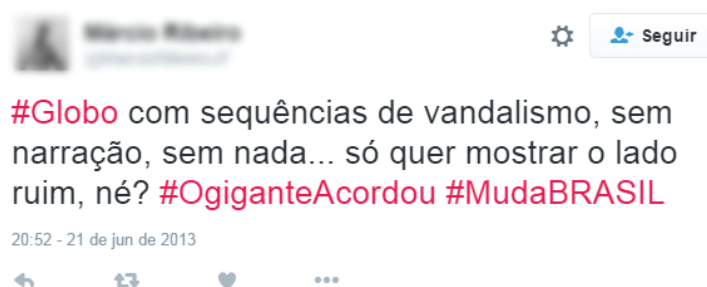
Fonte: Disponível: [https://twitter.com/\\_DuduLoves/status/346778901118328837](https://twitter.com/_DuduLoves/status/346778901118328837). Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 16 – Tweets e disputa de narrativa



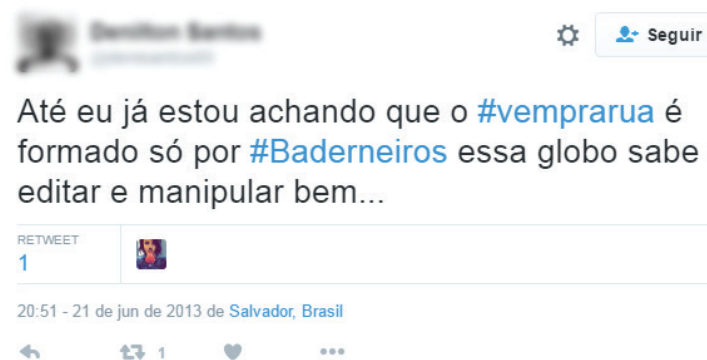
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/brasileromario/status/346778808340336640>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 17 – Tweets e disputa de narrativa



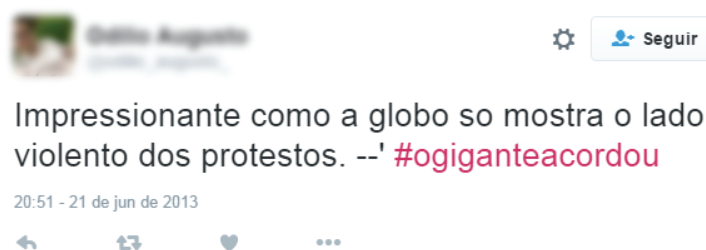
Fonte: Disponível: <https://twitter.com/izabelaLaurico/status/346778799037370368>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 18 – Tweets e disputa de narrativa



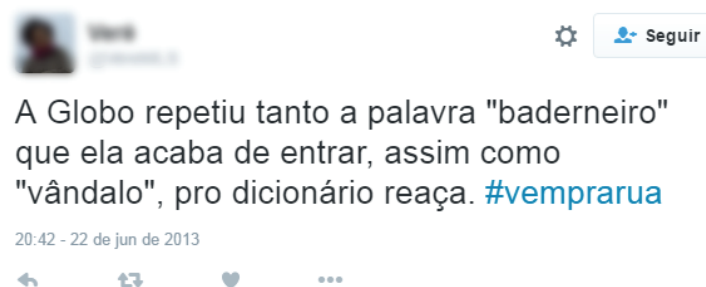
Fonte: Disponível: [https://twitter.com/fc\\_loveLS/status/346778783308722176](https://twitter.com/fc_loveLS/status/346778783308722176). Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 19 – *Tweets* e disputa de narrativa



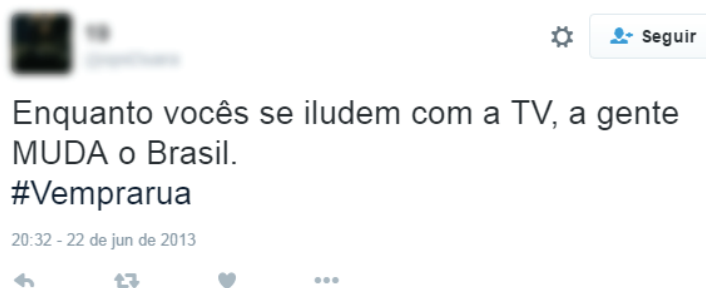
Fonte: Disponível: [https://twitter.com/Pedro\\_Tiago\\_92/status/346778765654908928](https://twitter.com/Pedro_Tiago_92/status/346778765654908928)  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 20 – *Tweets* e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/luanymp/status/346778633966329857>.  
Acesso em: 17 fev. 2021.

FIGURA 21 – *Tweets* e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: [https://twitter.com/ml\\_amanda/status/346778581201993729](https://twitter.com/ml_amanda/status/346778581201993729).  
Acesso em: 17 fev. 2021.

Abre-se uma ferida de liberdade e de expressão sociopolítica. No influxo de informações alternativas das redes sociais - e da cobertura de coletivos independentes -, a narrativa hegemônica é reelaborada e canalizada como motivação. O reforço do lado violento e seus léxicos é contraposto não apenas por narrativas corretivas, mas pelo usufruto dos canais *on-line* como fonte de arregimentação, marcação de atos, instruções e procedimentos.

A instabilidade midiática causada pelas redes de comunicação alternativa, somada aos acontecimentos de sustentação dos protestos após as primeiras negociações governamentais e a metamorfose das manifestações, causou uma desagregação da narrativa hegemônica ora

sustentada. Junto ao reconhecimento em discurso e tempo dos veículos de mídia (FIG. 22), a resposta governamental se abranda.

FIGURA 22 – Tweets e disputa de narrativa



Fonte: Disponível: <https://twitter.com/AsBadAss/status/346778579809484800>.  
Acesso em: 17 fev. 2021.

As manchetes também revelam a reorientação discursiva, saindo da descrição e construção da instabilidade e periculosidade dos acontecimentos para sua utopia e significados sociopolíticos intrincados:

Que juventude é essa? (FOLHA DE S. PAULO, 23 jun. 2013, p. A3).

As manifestações e o direito à política (FOLHA DE S. PAULO, 24 jun. 2013, p. A3).

O que há de novo nas ruas (FOLHA DE S. PAULO, 24 jun. 2013, p. A3).

Mais um passo da revolução democrática (FOLHA DE S. PAULO, 27 jun. 2013, p. A3).

As respostas governamentais se dão em um plano de conciliação, reconhecendo excessos policiais, gerando uma redução tarifária do transporte público em cadeia, discussões no legislativo e no executivo e elogio à pulsão sociopolítica de manifestações populares. O tom parece corrigir as interpretações iniciais e, por mais que não lograssem clareza suficiente, pediam moderação diante da insurreição que, como acontecer midiático, não figurou como notícia somente, mas pautou narrativas próprias.

Haddad diz que violência da PM marcou ato. [...] Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político (FOLHA DE S. PAULO, 14 e 15 jun. 2013, p. 1, C2).

Capitais já baixam tarifas de ônibus; protestos continuam. Em SP, Haddad muda o tom e já admite rever aumento; Paes quer ouvir manifestantes. [...] As prefeituras de João Pessoa, Porto Alegre e Goiânia cancelaram o reajuste. Curitiba, Manaus e Vitória reduziram o percentual de ajuste. [...] Palácio do Planalto deu aval para a aprovação, pelo Congresso, de um projeto que promove novas desonerações de impostos no setor de transporte público de passageiros, com o objetivo de reduzir as tarifas (O GLOBO, 19 jun. 2013, p. 3).

Dilma diz que protestos são um alerta a todos os governantes. Presidente afirma que o Brasil tem orgulho de manifestantes e que governo ouve “vozes pela mudança” [...] Em seu discurso, ela salientou que o governo trabalha para melhorar a vida do povo, mas está atento à voz das ruas, e prometeu fazer muito mais. Reconheceu que, nas manifestações, há repúdio à corrupção no país, mas frisou que o recado não é apenas para um governo ou um poder (O GLOBO, 19 jun. 2013, p. 4).

Dilma promete ouvir “voz das ruas” e “coibir arruaça”. Sem clareza sobre a natureza dos protestos, discurso evita riscos. [...] Dilma condena “minoría autoritária e violenta” e diz que vai “manter a ordem” [...]. Em seu pronunciamento sobre os protestos cada vez mais violentos no país, a presidente Dilma Rousseff tentou contemporizar. O cálculo político é inevitável. Ainda sem informação objetiva sobre a organização dos protestos, apesar da boataria de todo tipo circulando entre círculos à esquerda e à direita. Dilma buscou uma fala inócua que conta com o arrefecimento de ânimos para emplacar. [...] As promessas pontuais (FOLHA DE S. PAULO, 22 jun. 2013, p. 1, C2, C3).

No acontecer midiático de junho, o embate narrativo se aproxima da cultura política gestada a partir da transformação da TV como mídia hegemônica de massa, cercada pela mídia impressa (LIMA, 2013). O estatuto midiático é questionado na medida em que as próprias ruas reclamam sua liberdade, chamando atenção para a desqualificação que sujeitos e demandas sofriam no movimento insurgente. O paradigma midiático nacional tem um confronto marcante por uma mobilização sem organização nucleica e cujo aparato comunicacional foi alternativo, aut centrado e modulado no ínterim do evento.

Há que se observar que as Jornadas de Junho, como outras formas e episódios de mobilizações sociais em rede, destarte sua origem e tipologia organizacional, são frentes de contrapoder dispostas a criar novos valores ou chamar a atenção para a necessidade de novos arranjos no seio social de seu tempo (CASTELLS, 2013). Essa possibilidade se celebra nos processos comunicacionais de junho sob o olhar midiático e em sua trama de redes alternativas de informação e comunicação.

Ora, as tramas sociopolíticas transcorrem sobre cenários comunicacionais (DOWNING, 2000). Frequentemente, sob o sabor de conflitos e frentes de poder, esses processos se estabelecem de modo volumoso, testemunhal e simbólico. Na força professada por mobilizações sociais, modos de operação, percepção e ação se revelam.

## Considerações finais

Junho de 2013 eclodiu como um enxame ou uma constelação de atos adensados por uma flexão solidária em rede. Rede esta que arregimentou a pulsão insurgente por meio das práticas e processos de comunicação derivados das mídias alternativas e das redes sociais. Em suma, sua produção e reprodução se constituíram de um dispositivo interacional não esgotado na conjuntura de suas pautas ou nas análises que seguiram após seu cessar.

Adicione-se a esta combinação de fatores a alta produção discursiva no trânsito dos atos, seja pela cobertura jornalística, seja pelos modos alternativos de produção da comunicação no bojo dos atos. As disputas, representações e imaginários decorrentes desse processo criaram uma teia de sentidos que fez com que os atos e suas pautas ultrapassassem a semântica factual e atingissem uma mitografia particular de revolução enquanto durava.

A dinâmica comunicacional da narrativa apurada, em interpolação à pujante força comunicativa interna dos atos, instaurou uma condição particular de percepção, visualização e assimilação do movimento, criando um acontecer midiático e simbólico movediço, cuja interpretação é caleidoscópica.



Esse aspecto se explica pela própria condição de emergência dos atos já destacada, mas ainda se adensa pela característica específica das mobilizações sociais em rede, esta nova modalidade de insurgência que se aparta brevemente do cânone clássico dos movimentos sociais como organização lógica.

Observou-se que ao mesmo tempo em que os atos se constituíram uma arena independente de reivindicações tácitas, ainda que múltiplas, simultaneamente tomaram as feições de um dispositivo interacional capaz de interpelar o *modus operandi* de compreensão da política em uma perspectiva institucional e pessoal a partir da emergência de seus sujeitos mobilizados.

## ON THE STREETS AMONGST HASHTAGS: MEDIATIC AND SYMBOLIC HAPPENING OF 2013 BRAZILIAN JUNE DAYS

### ABSTRACT

*June 2013 was marked in the news, in the imagination and in Brazilian history as a political and socio-spatial event-phenomenon. However, in addition to politics and space, other events have intensified the conjuncture of the demonstrations. Narratives, disputes, practices and communication processes unveil the movement as a media and symbolic event, as they are configured as insurgent constitution and reproduction devices, but also mediation of intra and intersubjective processes oriented to social and political action. This work reflects the Brazilian 2013 June Days as a mediatic and symbolic happening, having as input the narratives of the printed newspapers with the greatest circulation in the period and publications on the social network Twitter. It was observed that while the acts constituted an independent arena of tacit claims, albeit multiple, they simultaneously took on the features of an interactional device capable of questioning the modus operandi of understanding politics in an institutional and personal perspective, from the emergence of its mobilized subjects.*

**Keywords:** Insurgency. Network. Media. June Days.

## Referências

- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DOWNING, J. **Radical media:** rebellious communication and social movements. New York: Sage Publications, 2000.
- FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 2013.
- GOHN, M. G. **Manifestações e protestos no Brasil:** correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez, 2018.
- LIMA, V. A. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013. p. 89-94.
- MAIOR, J. L. S. A vez do direito social e da descriminalização dos movimentos sociais. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013. p. 83-88.
- MOVIMENTO PASSE LIVRE. **Apresentação.** Sobre o MPL. c2020. Disponível em: <https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Estado, 2013.
- O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2013.

Submetido: 26/10/2021

Aceito: 18/11/2021